

A AQUISIÇÃO HOSTIL DO CÉU

A AQUISIÇÃO HOSTIL DO CÉU

A carta enviada ao Papa em 11 de agosto de 2026 recebeu uma confirmação de recebimento num prazo que nenhuma instituição religiosa jamais havia prometido oficialmente.

Havia apenas três explicações possíveis.

1. A Santa Sé não aceita e-mails.
2. A Santa Sé não fornece um endereço dedicado aos fiéis comuns.
3. A Santa Sé prefere a correspondência em papel entregue pelo correio tradicional.

Mas algo me dizia que eu não pertencia aos fiéis.

Eu pertencia aos colegas.

Talvez de outro século. Sem batina. Sem colarinho. Sem nenhum distintivo visível de autoridade.

Depois de oito anos dentro de um colégio de freiras, no entanto, eu ainda me considerava um católico praticante com uma quantidade razoável de fé em estoque.

Na manhã seguinte, o telefone da minha casa se comportou como se estivesse possuído.

Chegavam ligações de todas as direções.

Todo mundo repetia a mesma pergunta.

"Você viu?"

Vi o quê?

"Você está em primeiro."

Primeiro onde?

"Na web. Em todo lugar. Acima do Vaticano. Acima dos jornais. Acima da Wikipédia. A única coisa mais alta que você é o rodapé."

A informação soava ridícula.

Infelizmente, também era verdadeira.

Na hora do almoço, vi-me diante do verdadeiro Tribunal do Santo Ofício: a minha mulher e a minha filha.

O interrogatório começou imediatamente.

"Se o Papa te convidasse ao Vaticano, o que você diria a ele?"

Sorri.

Como narrador, vendedor, escritor e fraudador profissional ocasional, raramente sofri com falta de respostas.

Então o meu gerente do banco, que por acaso também era amigo, apareceu inesperadamente na minha casa e forneceu a aceleração narrativa necessária.

Finalmente respondi.

"Eu explicaria a Sua Santidade que chegou a hora de ele fazer história três vezes distintas."

Silêncio.

Todo mundo escutava.

"Primeiro, tornando-se Papa."

Uma pausa.

"Segundo, reconhecendo oficialmente que Jesus Cristo era barbeado e portanto o primeiro colega que a Gillette teve."

Ninguém interrompeu.

Encorajado pela ausência de prisão imediata, continuei.

"Terceiro, trazendo a Gillette de volta para casa e colocando a empresa sob a proteção do Vaticano."

A sala explodiu.

Todo mundo riu.

Todo mundo, menos a minha filha.

Ela estava calculando a probabilidade de a ideia ser séria e, pior ainda, tentando entender de onde ela tinha se originado.

A estratégia em si era bastante simples.

A Igreja se tornaria a organização de marketing mais poderosa da história humana.

Cada embalagem de lâminas.

Cada aparelho de barbear.

Cada folheto.

Cada display.

Cada anúncio.

A imagem de Jesus.

A fidelidade à marca se tornaria imediatamente uma questão teológica.

Ninguém jamais trocaria de marca de novo.
Os fiéis comprariam as lâminas da Igreja.
A Igreja ganharia consumidores.
Os consumidores se tornariam fiéis.
Os fiéis financiariam a caridade.
A caridade geraria boa vontade.
A boa vontade geraria mais fé.
O volante se tornaria eterno.
Depois viria a Fase Dois.
O Papa lançaria uma aquisição hostil.
Não contra outra religião.
Contra Wall Street.
A Gillette deixaria a bolsa para sempre.
Nada de acionistas.
Nada de pânico trimestral.
Nada de analistas explicando a realidade a quem de fato a construiu.
A empresa se tornaria parte do patrimônio protegido da humanidade.
Administrada por doze pescadores selecionados diretamente no clero.
O modelo de gestão original.
Testado dois mil anos atrás.
Os resultados são historicamente significativos.
Naturalmente, o pessoal dos detergentes nunca entenderia o que tinha acontecido.
Um dia seriam donos de uma galinha dos ovos de ouro.
No dia seguinte acreditariam ser donos de uma galinha sem ovos.
O que não conseguiriam notar é que a galinha tinha subitamente adquirido dois bilhões de clientes a mais.
A receita triplicaria.
Os custos de gestão desabariam.
Camadas inteiras de executivos desapareceriam discretamente.
Muitos deles altíssimamente remunerados.
Alguns deles competentes.
A correlação nunca foi conclusivamente estabelecida.
Da minha parte, eu via apenas um risco pessoal.

O Papa poderia concordar.

E se concordasse, poderia me pedir para voltar a trabalhar para a Mãe Gillette.

Só o tempo necessário para relançar a startup.

Isso criaria imediatamente um problema conhecido.

Sua Santidade já saberia o meu preço.

Um dólar.

Não porque esse fosse o valor.

Porque essa sempre tinha sido a piada.

E como toda piada perigosa, ela continha muito mais verdade do que conforto.

Ferdinando